

MOMENTO PARA DESINDEXAR

Economia desaquecida, preços equilibrados e ajuste do câmbio ajudam.

A alteração na banda cambial terá mais do que a função de ajudar a equilibrar a balança comercial e abrir espaço para a redução dos juros: é uma medida importante para o governo avançar na desindexação da economia. Segundo empresários e analistas do mercado financeiro, a ampliação da banda cambial alinha um dos principais preços da economia (o câmbio), abrindo espaço para correção de uma defasagem que poderia, mais adiante, prejudicar a desindexação. O governo conta com outros trunfos para desindexar: o esfriamento da atividade econômica, que deverá coibir reajustes nos preços por conta da nova banda cambial, e o satisfatório equilíbrio dos preços relativos da economia. Do lado dos salários, grande parte das empresas vêm antecipando reajustes salariais em índices próximos à inflação, o que deverá amenizar a polêmica sobre o pagamento do resíduo do IPC-r acumulado desde o Real.

“O câmbio, assim como as tarifas públicas, é um preço fundamental, que estava defasado”, analisa o economista José Antonio Penna Garcia, da área de macroanálise do Banco de Boston. “Agora há um equilíbrio maior de preços relativos na economia,” diz ele, lembrando que a relação câmbio versus salário havia piorado muito. O salário mínimo equivalia, dois dias antes da mudança da banda, a US\$ 112, enquanto em julho de 94, antes da valorização do real, era de US\$ 70.

“Seria muito incômodo, após o início do processo de desindexação, mudar a banda cambial e deixar a desvalorização do real acontecer, porque haveria dúvidas sobre como se comportariam os preços e os custos”, destaca Abramo Mozer, diretor financeiro da Hering. “O governo sinalizou bem que a desindexação ocorrerá com o câmbio tendendo a um ajuste.” Na sua opinião, “a situação agora é propícia para desindexar”.

“Os preços relativos da economia estão razoavelmente alinha-



Fernando Sampaio/AE

Bornia: ritmo de desaceleração.

dos e muitas empresas já estão adotando praticamente uma política salarial própria”, analisa Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). O Grupo 19, que reúne dez sindicatos patronais da categoria de metalúrgicos, vem concedendo antecipações próximas ao IPC-r. “O resíduo de inflação é pequeno, de 2% a 4% no máximo, e como estamos nos aproximando da data-base, essa diferença será zerada”, diz Uchôa Fagundes. “Já estamos caminhando para a livre negociação.”

A mesma situação não se aplica para categorias com menos força de negociação. “Quem tem maior poder de barganha, como metalúrgicos, bancários e químicos, e já teve antecipação, vai levar vantagem, mas quem tem menor poder de barganha dependerá da disposição da empresa em negociar”, observa Maria Cristina Funck, gerente-sênior de consultoria de recursos humanos da consultoria KPMG. Funck diz que pelo menos 50% dos clientes da consultoria já concederam antecipações, mas alerta que será difícil para o governo tirar, da negociação com os trabalhadores com data-base em agosto e setembro, os oito meses de inflação.

Embora a discussão sobre salários seja polêmica, o próprio esfriamento da economia, segundo Uchôa Fagundes, colabora para a

desindexação. “Não há ambiente para grandes reivindicações”, diz. O mesmo se aplica aos preços. “O ajuste do câmbio traz aumento de custo para as empresas, e deverão ocorrer reajustes, mas quem vai determinar isso é o mercado.” E, na opinião dos empresários, não há espaço hoje para reajustes. “As empresas não tem como repassar aumento de custos provocados pelo ajuste do câmbio, porque o mercado está parado”, diz Mozer.

“A economia está passando por uma redução no seu ritmo”, destaca o vice-presidente do Bradesco, Antonio Bornia, ao lembrar que não há demanda por novos recursos nos bancos. A mudança na banda cambial pode melhorar os negócios para os exportadores, lembra ele, mas o esfriamento da economia não permitirá um impacto muito expressivo do encarecimento das importações sobre a inflação. “A alteração da banda foi oportuna e terá efeitos positivos dos dois lados”, diz Bornia, ao destacar, contudo, que “essa banda não será eterna”.

O cenário com o qual o governo trabalha é de um ajuste gradual do dólar, mas que não acompanhe a inflação. A variação ocorrerá conforme o comportamento da balança de pagamentos. Para alguns analistas, a atual banda cambial deverá durar vários meses, dando tempo ao governo para desindexar gradualmente. A desindexação seria o ponto de partida para o próprio ajuste do câmbio e a queda dos juros.

A redução das taxas de juros, portanto, não deverá ser expressiva no curto prazo. “O governo não pode correr o risco de um reaquecimento da economia”, diz Penna Garcia. “Uma oferta maior de dólares pode ajudar a baixar os juros, mas o espaço que há para uma redução das taxas é de frações”, confirma Bornia, ao destacar que o governo precisa ver em que volume a mudança na banda propiciará o ingresso de mais dólares.

Giovanna Picillo